

# João Pimenta Gomes

## Últimos sons

Versão PT

A GALERIA VERA CORTÊS tem o prazer de anunciar a primeira exposição individual de João Pimenta Gomes na galeria.

Uma parede pintada de preto no centro da galeria, como que coberta por um véu escuro, recebe o público com um vazio magnético. É um signo zero, um espaço a ser preenchido pelas percepções de cada um. No ambiente, os poucos objetos expostos demarcam diferentes experiências sensíveis. Existem quatro sintetizadores modulares dispostos no chão, cada qual conectado a um *speaker* alçado no alto: corpos simbióticos que, respetivamente, produzem e emitem um som continuamente. Contudo, só permitirão que os seus áudios venham à tona mediante a aproximação de um corpo. Em diálogo com essas peças, há uma fotografia de 35mm que oferece a única imagem desta exposição. Muito embora a cena seja de aparente banalidade, há qualquer enigma no seu interior que guarda a gravidade emocional do momento retratado. Desse modo, a fotografia performa o mesmo gesto das instalações de som: revela as suas frequências interiores somente àqueles que estão dispostos a aproximar-se do seu mistério. Intitulada “Últimos sons”, a primeira exposição individual de João Pimenta Gomes na Galeria Vera Cortês traz, por meio dessas intervenções pontuais, o núcleo da sua pesquisa sobre as interações possíveis, tanto físicas quanto subjetivas, entre corpo, som e espaço. Nesse sentido, o artista cruza conceitos e exercícios sensoriais, e orquestra instrumentos analógicos e digitais para criar experiências ambientais e engendrar narrativas indefinidas, abstratas e não lineares. As suas obras testam as nossas faculdades sensoriais, mas sobretudo a nossa capacidade de processar o mundo que nos cerca.

As quatro fontes de som situadas no espaço trazem em si um binómio físico que contrasta o aparato tecnológico das suas bases produtivas e as formas sintéticas e econômicas do seu topo comunicador. Ao passo que os *synths* deixam visíveis os mecanismos do seu funcionamento, com uma estética do caos de cabos e conexões aparentes, os *speakers* customizados assemelham-se a cavidades bucais cantando por entre dentes afiados, numa manifestação que remonta à magia ou a uma tecnologia que desconhecemos. A sua anatomia peculiar confere-lhes o aspeto de entidades vindas do universo da ficção científica. Essas grandes bocas permanecem tapadas, até que uma presença invoque a sua reação. Ao chegarmos perto, entretanto, não nos abocanham, mas permitem que escutemos os sons que estão sendo produzidos ali. Abandonam seu voto de silêncio e passam então a sussurrar-nos ao ouvido, emitindo algo entre o gutural, o arcaico e os sons de avançadas tecnologias. As suas sonoridades convidam à meditação contemplativa, mas também despertam nostalgia e melancolia. Como uma nova liturgia, esses sons são réquiems que choram a perda dos segundos que vão passando enquanto os escutamos. São meta-músicas sobre nossa própria percepção do espaço-tempo.

O procedimento faz lembrar uma famosa frase com versões atribuídas a Mozart e a Debussy, sobre a essência da música não estar nas notas e sim no silêncio entre elas, e que mais tarde foi sintetizada por Miles Davis assim: “It's not the notes you play, it's the notes you don't play.”

Há, portanto, a clara referência às investigações sobre o espaço negativo na música, sobretudo o legado de John Cage e seu 4'33”, as teorias e práticas de *deep listening*, e os fundamentos da *ambient music*. A composição com processamentos em *loops* eternos, por exemplo, lembram as peças emblemáticas de William Basinski. Por fim, há a influência definitiva do *spiritual jazz*, gênero que abrange um amplo espectro de produções que combinam vertentes exploratórias do jazz com tradições esotéricas orientais e temas ligados à transcendência espiritual.

Já a fotografia traz uma figura humana, debaixo de roupas e cobertas brancas, cujas mãos desnudas estão munidas de um garfo plástico e de um pedaço de bolo *red velvet* num recipiente de metal descartável. Na sua captura, a fotografia resgata o imaginário do cinema clássico, de uma época que produziu imagens perenes e duradouras. Na suspensão temporal daquele instante, enquanto testemunhamos o bolo aguardando o abate, podemos intuir o fluxo dos desejos em ação e a camada existencial por detrás da cena pueril. Nesse momento de transição, entre uma garfada e outra, a figura elabora suas questões, descansando os traumas do quotidiano no conforto da cama e do paladar. Bem perto da imagem, é como se fosse possível ouvir a embalagem de alumínio fino sendo amassada pelo toque das mãos, o garfo penetrando o bolo, os ruídos do sistema digestivo e a metabolização dos sentimentos.

A configuração física das peças sonoras, a fantasmagoria dos sons, e a densidade da fotografia colaboram para criar uma forte carga atmosférica, remetendo para a dimensão psicológica de espaços liminares, lugares de transição que evocam em igual medida familiaridade e estranhamento, acolhimento e rutura, e um sentido de espera e suspense. Soma-se à situação espacial o título sugestivo da exposição, cravado numa ambiguidade que não se resolverá. “Últimos sons” refere-se, dinamicamente, tanto às peças sonoras mais recentes que o artista produziu e que podem ser ouvidas no espaço, quanto à ideia de sons essenciais ou derradeiros. Diante dessas sonoridades particulares, que preenchem o ambiente ao serem ativadas pela nossa presença, podemos pensar numa espécie de ritual, um momento de autoconhecimento e auscultação.

Na tensão entre as noções de ausência e presença, o artista estuda a relação inerente entre o silêncio e o som, examinando a condição — metafísica e fisiológica — em que nos encontramos antes e depois de ouvir um som, imersos no momento mudo. E como silêncio e som só podem existir em contraste um com o outro, somos impelidos a chegar perto e destapar as bocas, seja para que comam um quitute reconfortante, ou para que manifestem as frequências sonoras mais íntimas e essenciais: os “últimos sons”.

**Germano Dushá, 2024**

## BIO

João Pimenta Gomes (Lisboa, 1989) é artista visual e músico, e vive e trabalha em Lisboa. Estudou Produção Musical, Fotografia e Desenho e é professor convidado de Som e Imagem na Escola das Artes da Universidade Católica do Porto.

A prática artística de João Pimenta Gomes parte de referências do campo da música e explora as relações entre o espaço e o corpo através da manipulação de sintetizadores modulares, imagens, vídeos e objetos. Proporcionando encontros entre o analógico e o digital, o sensorial e o conceptual, é no cruzamento com a performance e em eventos ao vivo que o artista amplia estas relações e encontros estendendo-os à interação com o espectador. No contacto com as obras, este é convidado a observar a génese da ideia musical e da composição sonora, fazendo do corpo – da sua aproximação, afastamento ou modelação – um elemento central no processo de criação.

Entre os projectos, exposições e performances ao vivo destacam-se: a exposição colectiva Esfíngico Frontal (curadoria de Germano Dushá), Galeria Mendes Wood DM, São Paulo, 2023; Poly-Free, MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa, 2022; Alto Mar / Metavox, Palácio Nacional de Belém, Lisboa e Les Laboratoires d'Aubervilliers, Aubervilliers, 2022; Doppelganger III, Sound & Future, Plataforma Revólver, Lisboa, 2022; Doppelganger VII, Lux Frágil, Lisboa, 2022; Clouds, Kunstraum Botschaft, Berlim, 2021; Trabalho de Inverno, Galeria Quadrado Azul, Lisboa, 2021, enquanto membro do grupo Matéria Simples com o qual também realizou A Ilha de Calipso, Appleton Garagem, Lisboa, 2020; e Micro Ressonâncias (Appleton Box, Lisboa, 2020).



# João Pimenta Gomes

## *Últimos sons (Last sounds)*

EN version

**GALERIA VERA CORTÊS is delighted to announce João Pimenta Gomes' first solo exhibition at the gallery.**

A black wall at the center of the gallery, as if covered by a dark veil, welcomes the audience into a magnetic void. It is a ground zero, a space to be filled by the perceptions of each individual. In this environment, the few objects on display offer different sensory experiences. There are four modular synthesizers arranged on the floor, each connected to a speaker raised high above: symbiotic bodies that, respectively, produce and emit a continuous sound. However, they will only allow these audios to surface if a body comes near. In dialogue with these pieces, there is a 35mm photograph that bears the only visible image in this exhibition. Although the photographed scene is apparently banal, there is an enigma within it that preserves the emotional gravity of the moment portrayed. Thus, the photo performs the same gesture of the sound installations: it reveals its inner frequencies only to those willing to approach its mystery. Entitled “Last Sounds”, this first solo exhibition of João Pimenta Gomes at Galeria Vera Cortês brings, through these specific incisions, the core of his research about the possible interactions—both physical and subjective—between body, sound, and space. In this sense, the artist combines concepts and sensory exercises, orchestrating analog and digital instruments to create environmental experiences and generate undefined, abstract, non-linear narratives. His works test our sensorial faculties, but above all our ability to process the world around us.

The four sources of sound located in the space embody a duality that contrasts the technological apparatus of their productive bases and the synthetic and economic forms of their communicative top. Whereas the synths make their internal mechanisms visible, with the chaotic aesthetic of cables and apparent connections, the customized speakers resemble mouth cavities singing through sharp teeth, in a manifestation resembling magic or an unknown technology. Their peculiar anatomy gives them the appearance of entities from the realm of science fiction. These big mouths remain covered until a presence invokes their reaction. However, when we get close they do not devour us, but instead allow us to hear the sounds that they produce. They break their vow of silence and begin to whisper in our ears, emitting something between the guttural, the archaic, and the notes of advanced technology. Their sounds invite contemplative meditation, but also awaken nostalgia and melancholy. Like a new liturgy, these tunes are requiems mourning the loss of the seconds that pass while we listen to them. They are meta-music about our own perception of space-time.

This procedure brings to mind a famous quote—with versions attributed to both Mozart and Debussy—about the essence of music not being in the notes but in the silence between them. Later, this same idea was epitomized by Miles Davis as: “It's not the notes you play, it's the notes you don't play.” Therefore, there is a clear reference to investigations into negative space in music, especially the legacy of John Cage and his 4'33”, the theories and practices of deep listening, and the core of ambient music. The composition with eternal loops, for example, reminds William Basinski's emblematic pieces. Finally, there is the definitive influence of spiritual jazz, a genre covering a wide spectrum of productions that combine exploratory aspects of jazz with Eastern esoteric traditions and themes related to spiritual transcendence.

In its turn, the photograph shows a human figure, under white clothes and blankets, whose bare hands hold a plastic fork and a piece of red velvet cake in a disposable metal container. In its gaze, the photography rescues the imagery of classic cinema, a time that produced perennial and lasting images. In its temporal suspension, we witness the cake about to be slaughtered, and can sense the flow of desires in motion and the existential layer behind the puerile scene. In this moment of transition, held between one bite and another, the figure elaborates their questions, resting the traumas of everyday life in the comfort of a bed and their palate. Close up to the image, it seems possible to hear the thin aluminum packaging being crushed by the touch of the hands, the fork piercing the cake, the noises of the digestive system, and the metabolization of feelings.

The physical configuration of the sound works, the phantasmagoria of their tunes, and the density of the photography contribute to create a dense atmosphere, building on the psychological dimension of liminal spaces. These places of transition evoke in equal measure familiarity and estrangement, welcoming and rupture, and a certain sense of waiting and suspense. Adding to the spatial situation is the suggestive title of the exhibition, embedded in an ambiguity that shall not be resolved. “Last Sounds” refers to the most recent sound pieces produced by the artist, and which now the public can listen to, as well as to the idea of essential, ultimate sounds. Met by these particular sonorities, as they pervade the environment when activated by our presence, we may think of a kind of ritual, a moment of self-knowledge and auscultation.

Holding the tension between absence and presence, the artist studies the intrinsic relationship between silence and sound, examining the metaphysical and physiological condition in which we find ourselves before and after hearing a sound, immersed in the silent moment. And because silence and sound can only exist in opposition to each other, we are provoked to come close and uncover the mouths, so they can either eat a comforting delicacy, or manifest their most intimate and fundamental frequencies: the “last sounds”.

**Germano Dushá, 2024**

## BIO

João Pimenta Gomes (Lisbon, 1989) is a visual artist and musician who lives and works in Lisbon. He studied Music Production, Photography and Drawing and is an invited lecturer in Sound and Image at the Escola das Artes da Universidade Católica do Porto.

His practice draws on references from the musical field and explores the relationships between space and the body through the manipulation of modular synthesisers, images, videos and objects. His works create experiences which explore the proximity and tensions between the analogical and the digital, the sensorial and the conceptual. Through performances and live events the artist expands these experiences to the audience who, by coming in contact with the works, observes the process of creation of the musical idea and sonic composition, making their body - its approximation, removal or modelling - a central element in the creation of the works.

His projects, performances and exhibition include the group show Esfíngico Frontal (curated by Germano Dushá), Galeria Mendes Wood DM, São Paulo, 2023; Poly-Free, MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisbon, 2022; Alto Mar / Metavox, Palácio Nacional de Belém, Lisbon and Les Laboratoires d'Aubervilliers, Aubervilliers, 2022; Doppelganger III, Sound & Future, Plataforma Revólver, Lisbon, 2022; and Doppelganger VII, Lux Frágil, Lisbon, 2022; Clouds, Kunstraum Botschaft, Berlin, 2021; Winter Work, Galeria Quadrado Azul, Lisbon, 2021, while a member of the group Matéria Simples with which he also created A Ilha de Calipso, Appleton Garagem, Lisbon, 2020; and Micro Resonances (Appleton Box, Lisbon, 2020).